

tati Bernardi



tô Com Vontade
de uma Coisa que
eu não sei o que é

Contos e Crônicas



Copyright © 2008 Tati Bernardi

Supervisão editorial	Marcelo Duarte
Assistente editorial	Tatiana Fulas
Projeto gráfico	Ana Miadaira
Diagramação	Estúdio O.L.M.
Preparação	Alessandra Miranda de Sá

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B444t

Bernardi, Tati

Tô com vontade de uma coisa que eu não sei o que é / Tati Bernardi. - 1.ed. - São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Conto brasileiro. I. Título.

08-2619.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2008

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286 cj 41

Cep 05413-010 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

“Se eu amo o meu semelhante? Sim.
Mas onde encontrar o meu semelhante?”

Mário Quintana

Sumário

Apresentação	7
1. Sinto muito, mas você não é louca.....	13
2. O contrato	20
3. <i>Flashback</i>	24
4. Enfim, nós. E a Claudinha.....	30
5. A tecla A.....	35
6. Homens do mercado.....	39
7. Assumindo o ET pirocudo.....	43
8. Direto do Planeta Solidão	49
9. Como levar uma mulher pra cama no primeiro encontro	53
10. Zelador.....	57
11. Vontade filha-da-mãe.....	60
12. Aniversário da sua ausência	64
13. Caipira não, meu	68
14. <i>Desperate house writers</i>	72
15. Você jamais faria sexo virtual.....	76
16. Eu não nasci pra isso.....	80
17. A vontade e um dedinho de prosa.....	82
18. Desamor revisitado	88
19. Os micos da Dias Ferreira	92
20. Mais um par de tênis velhos.....	97
21. <i>The killers</i>	100
22. A primeira vez.....	104
23. Eles	108
24. O teatro da moça banal	112
25. Eu já estive por lá.....	117
26. O que você faz com as pessoas que não quer mais?.....	120

27. Eu nunca vou entender	123
28. Trepai-vos, irmãos — um tratado seriíssimo por um mundo melhor	126
29. Que nem coração de mãe	129
30. A dura (forte, gostosa, cheirosa) realidade	132

Apresentação

Achei que era bolo de aipim. Aqui em São Paulo a gente não chama de aipim, mas fica ainda mais gostoso quando chamado assim. O problema é que só sobraram os farelos e eu continuo com essa *vontade*.

Abro a geladeira e fico olhando para as possibilidades. Não foco em nada porque não sei exatamente o que eu quero. Será que a gente pensa que a geladeira é um portal para outro mundo? E que ao abri-la a gente vai descobrir para onde quer ir ou o que quer da vida?

Da gaveta de ovos (pra que existem gavetas de ovos?) pularia um sábio indiano e me diria: você só precisa ter calma e não desejar tanto. Do desejo é que saem as angústias. E eu crente que ele ia filosofar sobre quem veio primeiro. Se foi o ovo ou a galinha. Ou, então, pularia a Clarice Lispector. E me recitaria aquele conto maluco do ovo que me fez pensar que bastava eu ser muito sem sentido para fazer algum sucesso. Até o dia em que ela fez sentido e eu me senti especial. E eu seria mais maluca que ela tentando explicar que apesar de a minha fome não passar nunca, nem a mais óbvia e superficial, eu vivo enjoada.

Minhas vontades, sempre infinitas, passam muito rápido. E aí eu fico achando que eu não sei ter vontades. Que eu não mereço as minhas vontades. E me sinto sempre uma traidora prestes a desistir ou a enjoar de algo que nem deu tempo de acontecer. E aí fico com preguiça ou mesmo covardia para ter novas vontades. Se elas vão passar, para que raios elas servem?

Coloco uma música que lembra uma dor sanada. Talvez porque eu esteja a fim de experimentar aquela dor que já não é mais dor e sentir que o tempo passa. Sentir isso dá medo de morrer. Mas dá alívio de estar vivo. E então me pergunto: se amor passa, de que serve senti-lo? Apenas um cansaço em saber que tudo vira ridículo depois. Tudo. Até sinto certa pena do medo. No final, qualquer medo vira mais um bicho-papão de pelúcia empoeirado e esquecido em algum canto que não visitamos para não atacar a rinite. O frio na barriga vira um *missoshiro* gostosinho pra tomar num fim de tarde besta na vila Boim.

Sempre soube, lá no fundo da alma, como é fácil dar valor para as pessoas pontuais e a beleza do não-eterno nos olhos dessas pessoas. Lindo o que é passageiro. Difícil é gostar de gente de verdade que, mais cedo ou mais tarde, vai perder a magia. Mais um defeituoso que você aceita como a própria existência: cheio de dúvidas mas sem outra saída.

E sou interrompida mais uma vez por essa vontade automática de olhar minha caixa de e-mails. Ou de comer mais um quadradinho da barra de Alpino. Ou de dar um gole pesado e alongado na água e pedir, sem nem saber, que ela abaixe minha

bola um pouco e eu volte a ficar humilde. Sempre tomo água sem humildade como se desse um trago em um cigarro. Ninguém traga com humildade. É a cena mais banal do mundo, mas, sei lá por que, me sinto sempre uma estrela sedenta quando dou meu gole cheio de tédio em um copo com água.

E aí se vão alguns minutos em que desejei apenas coisas automáticas ou fisiológicas ou bobas pra parecer inteligentezinha. E, nem assim, alguns minutos em que eu não tenha sido escrava do meu desejo absoluto e insuportável em ser algo grande e não banal. Ou ser algo de uma banalidade tão verdadeira, que choque as pessoas. Não paro de querer algo, que eu nem sei ao certo o que é, nem quando limpo uma gotinha no canto da boca.

Não, não tem nenhum e-mail interessante. Que me enfie num carro acolchoado e me leve por uma estrada florida. Que me faça sentir o máximo e absolutamente feliz. E absolutamente cheia de amigos e amores. E absolutamente. Sei lá.

Vontade de sumir para um canto com jardim e sem vista para posto de gasolina. Posto de gasolina, sei lá por que, me lembra que a força uma hora acaba. Só chamar os melhores amigos para experimentar minha comida quase boa. Escrever ao lado de chás, plantas, pôsteres e meias. Ter biblioteca, dvdteca, enoteca e só pra ser fofa uma linda cama para tirar uma soneca.

Vontade de andar de carro em horários que só os escolhidos andam. De me sentir sempre como me sinto quando chega a tarde. Um horário protegido pelas horas secas da manhã e frias da noite. Um horário pra dormir sem ser o sono oficial e pra

amar sem ser o amor oficial. Um horário não oficial e que acaba sendo mais vida do que os outros. Vontade de nunca mais passar mal em avenidas com ônibus, bares que fedem a frango assado às sete da manhã e almas feias e berebentas que me assaltam e me fazem engolir feiúra para eu lembrar que tenho medo e que sou preconceituosa.

Eu peso mil quilos. Antes uma chata que uma gorda de verdade. Vontade de ser do mal. Vontade de ter com quem ir para Tiradentes. Sabe, a cidade histórica? Não conheço. Tá valendo Petrópolis também. Nem conheço ninguém com quem eu iria para lá. Se pudesse, jogava no lixo todos eles. Vontade de lavar o edredom, de ir à missa, de me alongar de forma estranha olhando a minha montanha da praia do Leblon, de ficar sem sair de São Paulo pelos próximos mil anos, de sumir de São Paulo, de trocar de celular, de e-mail, de cabelo, de calcinhas, de amigos, de família, de HD, de vida.

Vontade de ir pra Paris e nunca mais falar em jantares a luz de velas, para amigos publicitários, como Paris é foda. Já saí dessa fase feliz, segura, e apenas uma fase.

Vontade infinita de ser velha. E vibrar com casas de chá, passos lentos e vislumbres sábios de horizontes. Vontade de ser mãe, de ser amada apesar da péssima postura e de ser o que vim fazer aqui, sem ter que agradar gente que minha mente idiota acha ser necessária no futuro.

O amor podre só fede pra quem quis sentir alguma coisa. Vontade de nunca mais ser degustada pelas beiradas; não me

levam e ainda deixam um monte de merdas misturadas a mim. Como se tivessem cagado eu mesma para mim mesma.

Eu só fiz gostar deles. Ou melhor: eu só fiz usá-los para gostar um pouco da vida. Se eles me usaram por causa do meu buraco entre as pernas, eu os usei por causa do meu buraco no meio do peito. Quem é mais esperto? Não sei.

Estou com vontade de comer um japa, a comida, com alguém de voz mansinha que me encha de paz. E então vou ter uma vontade arrependida de estralar o pescoço no meio da noite. E de rir porque armei toda essa palhaçada de ser só apenas para dormir até meio-dia sem vergonha de ser inútil ou mesmo um pouco triste.

E vou ficar um pouco feliz porque descobri que não é uma cama metade vazia e sim inteiramente cheia de mim. E vou ficar cheia de mim. Com tudo o que isso tem de bom e de ruim. E vou finalmente ter vontade de parar de pensar. A única que até hoje preencheu alguma coisa. A única vontade que serve pra alguma coisa. Vontade de porra nenhuma.

Tati Bernardi

1.

SINTO MUITO, MAS VOCÊ NÃO É LOUCA

Tomei a decisão do ano. Depois de muito adiar, pensar, refutar (o que é refutar mesmo?), negar, blasfemar e odiar o mundo, resolvi ir a um psiquiatra.

Na manhã da consulta, tomei um longo banho. Como se estivesse me preparando para um casamento muito esperado. O grande dia havia chegado. Eu finalmente encontraria minha alma gêmea: a minha loucura.

Usei meu sabonete caríssimo de mel puro. Achei que era o caso, afinal, acredito que a minha loucura deva ter um cheiro adocicado, quase enjoado. Uma loucura agradável a princípio, charmosa, daquelas que as pessoas falam “que bonitinha, é louquinha”. Mas depois embrulha o estômago, depois ninguém mais quer ver na frente. A louca mel.

Usei meu novo terninho rosa. Achei que uma aparência limpinha e certinha vai bem com uma loucura dessas profundas e perigosas. A louca de preto e tatuada é só uma rebelde maleta. Mas a louca de terninho rosa pode acabar com a sua vida. Eu estava incrível.

Eu sabia que ia me perder. Tinha certeza. Nunca tinha ou-

vido falar naquela rua estranha, naquele bairro longe, perto daquela avenida a que nunca vou. Mas não quis olhar no mapa. Me neguei. O atraso me daria um semblante desesperado e uma entrada triunfante. Posso ser louca, mas jamais serei uma louca humilde. Se é pra ser louca eu quero pa-rar aquela clínica. Quero ser a louca do ano. Do bairro. Do país. Da história.

Mas o páreo estava duro. Duríssimo. Já na entrada um tipo *nerd*-boa-praça-criado-pelo-avô (que na verdade batia punheta pensando na vovó) contava, com sua voz esgarçada por uma alegria de laboratório, alguma história de elevador (bateu de dois a zero, acho que hoje esquentou, vida dura, vamos para mais um dia de batalha, ô vida, sempre em frente, acho que hoje chove, alguma dessas porras superficiais que fazem todos os individualistas se sentirem irmãos da humanidade).

Encarei ele alguns segundos tremendo a sobrancelha e dilatando minhas narinas. Eu nunca havia tremido a sobrancelha ou dilatado as minhas narinas na vida. Mas fiz aquilo com uma naturalidade tão costumeira que foi como se mais uma vez meu tique nervoso de anos tomasse conta de mim. Senti que ali eu começava a ganhar poder. Se eu podia ser mais estranha que aquele tio virgem de 48 anos, o resto tava no papo. E, por falar em papo, me dei uma papada extra. Louco que é louco tem um semblante de sapo assustado. Olhos esbugalhados e queixo colado no peito. A sapa louca.

Mas não, ninguém disse que ia ser fácil. O jogo estava só começando. Ao meu lado estava uma baixinha toda vestida de flanela (e eu achando que meu terninho rosa ia fechar com

chave de ouro a tarde). Ela segurava um celular colado ao ouvido, mas nem falava, nem ouvia nada. Quase a abracei e falei: “não, ele não vai ligar, esquece”. E eu me achando louca porque esperava alguém me ligar há 28 anos. Ela devia ter pelo menos o dobro da minha idade, e ainda estava esperando. Quis sentir pena. Quis desistir. Quase chorei. Mas segui em frente. Eu precisava ser a bela louca da tarde. E ia conseguir.

Quando a recepcionista me chamou para preencher um formulário, notei que uma das perguntas era “você acredita em Deus?”. Senti que ali tinha jogo, era a minha deixa, o meu *golden point*, para plagiar o PAN. E foi então que perguntei para a recepcionista, em alta e boa voz esganiçada (da onde saiu aquela voz?): “se eu não acredito em Deus, posso deixar essa parte em branco ou apenas escrevo EU NÃO ACREDITO EM DEUS em letras de forma?”.

Todos calaram. A recepcionista arregalou os olhos e colocou o queixo no peito. O tio *nerd* que queria comer a vovozinha esqueceu seu time, a temperatura e o “vamo em frente, galera”. A tia da flanela finalmente desgrudou o celular dos ouvidos. Eu era absoluta. Uma louca atéia. Porque louco que é louco acredita em Deus. Mas louco muito louco não acredita em nada. Nada. Louco que é muito louco é louco o suficiente para não acreditar em nada. Eu era absoluta. A sala de espera era minha. Obrigada, Deus, por mais essa vitória.

E então ele veio. Alto, magro, careca. O olhar distante. As mãos caídas ao lado do corpo. O ombro entregue, os joelhos entregues. E então ele preencheu e entregou também o che-

que. Quinhentas pilas. E ficou ainda mais entregue. Tudo nele se doava, não por bondade, mas por falta de força em permanecer. Aquilo era triste demais. Quase, por muito pouco, não lhe repassei minha medalha. Ganhar de psicopatas, tias enlouquecidas por um coração murcho (ou uma vagina ressecada) e recepcionistas carolas era fácil. Mas ganhar da tristeza? Poxa, tristeza não tem fim, como diria o poeta. Quem é que quer medir forças com o infinito? Eu. Eu queria medir forças com o que fosse preciso. Eu já estava lá mesmo. Eu já ia desembolsar quinhentas pilas. Eu poderia ser ainda mais triste e ainda mais entregue que aquele careca. Eu só não poderia ser mais careca.

E foi então que sua esposa chegou. Se sentou ao seu lado. Lhe fez um carinho no braço. E ele sorriu. O careca, de dentro do inferno, teve um segundo de paz. E eu, para meu desespero, ganhei novamente. Foi a vitória mais triste da minha vida. Eu era finalmente o ser mais infeliz daquela sala de espera. Eu era o ser mais solitário daquela sala de espera. Dizem que o topo da montanha é frio e solitário. E era exatamente assim que eu me sentia de cima do pódio da loucura. Peguei meu celular e coleí no ouvido. Depois fiquei com vergonha, olhei para o lado, e puxei papo com o tio da temperatura: “frio aqui dentro, não? Não gosto de ar-condicionado”. Quase me levantei e escrevi no formulário “espírita”. Eu acreditava sim em Deus, mas onde é que ele estava, afinal, que não me dava alguém para me fazer um carinho no braço e me dar uns segundinhos de paz nessa vida infernal? Onde?

Era minha vez. Pronto. Eu já tinha provado para toda uma

sala de espera que eu era louca. Eu já tinha provado para mim, há muito tempo, que eu era louca. Dificilmente amigos, namorados, casinhos, familiares e vizinhos desmentiriam minha loucura. Agora eu só tinha que convencer o melhor psiquiatra do país. E então eu seria condecorada. Entraria para o *hall* chiquérrimo de quem passa por essa vida com uns parafusos a menos. Eu tinha exatamente uma hora para conseguir o feito. O que certamente não seria nenhum sacrifício. Bastava que eu fosse eu. Quem finge tremer a sobrancelha, finge dilatar a narina e finge morrer semanalmente por amor, provavelmente é mais louco do que quem faz isso pra valer.

Vinte minutos contando para o doutor *plus MBA master of the universe* sobre minha bipolaridade e ele nada. Nenhuma comoção. Então quer dizer que você ama a vida quando tem nhoque de mandioquinha com molho branco e odeia a vida quando o porteiro não deixa o jornal na sua porta? Ora, Tatiane, isso é normal!

Mais vinte minutos contando sobre minhas obsessões. Que até hoje eu quero a cabeça do professor Nicola, que me tratou mal na frente de todos os alunos, na terceira série. Que até hoje eu quero ver terra na boca do Binho, o capoeirista do primário que tirava sarro do meu corpo magro. Que até hoje eu quero que o pinto do fulano caia, só porque ele me largou há uns dez anos. Se bem que o pinto do fulano já não ficava mesmo em pé naquela época. Essas coisas. E ele nada. Nenhum movimento próximo do que seria uma caneta prescrevendo em letras ilegíveis algumas tarjas pretas para mim. Nada. Ele apenas sorriu e

falou: “hummm, não gosta de perder, né, Tatiane? Um pouco mimada, não?”.

Não! Isso não ia ficar assim. Agora ele iria ver. Sabia, doutor, que eu vejo espíritos? Sabia? Já vi crianças, velhos, cachorros. E ele nada. Achou bonita a minha mediunidade. Cachorros e crianças eram energias boas. E os velhinhos? E os velhinhos, doutor? Eu estava começando a apelar. Os velhinhos também podem ser energias boas, Tatiane.

Sabe, doutor, quando eu fico muito nervosa, eu espumo! Normal, querida, nervoso seca a boca e deixa a saliva grossa. Sabe, doutor, eu já empurrei minha mãe algumas vezes. Mães são chatas mesmo, minha filha. Um dia eu achei que fosse bater o carro e... bati! Poder da mente, criança. Se eu não tomo banho antes de ir para a cama, não consigo dormir. Que bom! Uma garota limpinha! Sabe, doutor, eu choro no banho TODOS OS DIAS. Eu sei: você é mulher.

Desisti. Tinha gasto quinhentas pilas para descobrir que eu era normal. Pior: teria que passar pela humilhação de retornar à sala de espera sem nenhum pedido médico. Nenhunzinho. Eu já podia ouvir o riso contido dos loucos. Eu já podia ouvir os comentários que ficariam depois que eu deixasse a clínica: “coitada, só mais uma garota normal”. Eu estava arrasada.

Quis mais tempo para me defender, mas a consulta havia chegado ao fim. Derrota absoluta. Ele apenas se levantou, me deu a mão e se despediu com aquele sorriso experiente das pessoas que têm pena de quem é feliz mas não sabe dar valor. Eu era feliz, eu era normal, mas não sabia dar valor a isso.

Quando cheguei ao meu carro quis retornar à sala do médico e perguntar, numa última e desesperada tentativa: “peraí, mas ser feliz e ser normal, e não dar valor a isso, não é coisa de louco?”.

Mas eu já sabia a resposta. Eu era insuportavelmente igual a todo mundo.

2.

O CONTRATO

Combinamos que não era amor. Escapou ali um abraço no meio do escuro. Mas aquilo ali foi sono, não sei o que foi aquilo. Foi a inércia do amor que está no ar mas não necessariamente dentro de nós.

A gente foi ao cinema, coisa que namorados fazem. Mas amigos fazem também, não? Somos amigos. Escapou ali um beijo na orelha e uma mão que quis esquentar a outra. Mas a gente correu pra fazer piadinha sexual disso, como sempre. E a orelha ouviu uma sacanagem qualquer, e a mão se encaixou ali no meio das minhas pernas.

Você me chamou de amor ontem, enquanto a gente transava. Eu quis chorar. Mas também quis rir muito da sua cara. Acabei só esquecendo isso. Talvez o “mô” que você murmurou seja porque, no dia anterior, naquela mesma cama, você tenha comido alguma “Mônica”. Prefiro pensar assim. Se eu for muito, mas muito escroto, talvez eu me proteja de me assustar muito. Caso você seja escroto. Eu sendo de pedra não quebro com a sua pedra. Sei lá.

Aí teve aquela cena também. De quando eu fui te dar tchau